

CHUTANDO O BALDE

Como eliminar seu chefe

As demissões voluntárias estão aumentando cada vez mais no Brasil. Busca por melhor qualidade de vida e realização pessoal são os principais motivos que impulsionam essa nova onda

» JÁDER REZENDE

Abrir mão do trabalho estável em busca de melhor qualidade de vida deixou de ser um movimento pontual para se tornar uma tendência mundial. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apesar dos mais de 10 milhões de desempregados no país, um terço das solicitações de desligamento em empresas ocorrem de forma voluntária.

De acordo com o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), a onda de demissões no Brasil vem crescendo a cada mês. Em janeiro, exatos 554.191 trabalhadores renunciaram ao salário e garantias contratuais previstas em lei. No mês seguinte esse número subiu para 560 mil e, em março, foram cerca de 600 mil colaboradores que decidiram “chutar o balde”.

Ainda de acordo com o Caged, em março deste ano foram registrados 1,8 milhão de desligamentos no país, sendo 603 mil voluntários, perfazendo 33,2% do total. Foi o mais expressivo número de demissões requeridas em um único mês, desde janeiro de 2020, quando quase 370 mil pedidos de desligamento foram efetivados. Já no recorde anterior, em fevereiro, foram contabilizadas 560.272 demissões voluntárias entre 1.684.636, o que equivale, igualmente, a 33,2%.

O executivo Márcio Monson, fundador e CEO da Selecty, empresa curitibana de tecnologia para recrutamento e seleção, observa que as pessoas, em sua maioria, estão encontrando no abrir mão do emprego e tentativa de novas experiências um caminho para buscar satisfação e felicidade. Outros fatores também são considerados, como doença ou perda na família e a necessidade de acompanhar o crescimento dos filhos.

Mas o principal motivo para essa avalanche de pedidos de demissão, afirma Monson, foi a pandemia. “O longo período de isolamento imposto pela covid-19 levou à reflexões mais profundas, por exemplo, que a rotina diária de trabalho não permite pagar boletos. Em suma, as pessoas passaram a ressignificar a relação com o trabalho”, afirma. “Esse período foi crucial para as pessoas repensarem situações como o carro ou a bicicleta parados na garagem e a possibilidade de um trabalho que garanta equilíbrio pessoal e profissional.

Com 15 anos de contato próximo com a área de RH, Monson avalia, ainda, que essa onda verificada na Europa, Estados Unidos, China e Índia, também já é realidade no Brasil. E alerta que as organizações precisam estar preparadas, identificando como tornar as vagas que oferecem não só atraentes do ponto de vista da empregabilidade, mas da satisfação que proporcionam ao profissional.

“São fatores importantes, como o respeito dispensado pela chefia e a garantia de uma jornada que garanta uma vida mais tranquila e equilibrada”, afirma, ponderando que a ordem é investir na remodelação do mercado de trabalho, acompanhando as mudanças culturais e os novos aspectos comportamentais da sociedade.

Selecty/Divulgação



Márcio Monson, especialista em RH, avalia que o mercado está se adequando e buscando equilíbrio: “Cada vez mais há oferta de benefícios, visando melhores condições de trabalho e humanização dos ambientes corporativos”

LHH Brasil/Divulgação



Patrícia Paniquart: risco e busca por novos caminhos

“Historicamente, o mercado foca muito na produtividade e na entrega em detrimento das relações. Hoje, as empresas estão se enquadrando, sobretudo as com mão de obra escassa, como as de tecnologia da informação. Cada vez mais há oferta de benefícios, bonificações, tudo visando melhores condições de trabalho, humanizar os ambientes corporativos. O mercado está se adequando, buscando um equilíbrio”, diz Monson, analisando que as grandes empresas estão liderando essa tendência.

A gerente de Operações de Transição De Carreira LHH Brasi, Patrícia Paniquart avalia que, havendo baixa tolerância ao ambiente de trabalho, exigências impostas, assim como funções exercidas, deve-se fazer uma pausa para avaliação profunda. “Dependendo do nível de estresse, há os que decidem arriscar, buscar outros caminhos, privilegiar a saúde, sobretudo mental”, diz.

Porém, segundo ela, esse movimento é menos observado nas camadas menos favorecidas. “Pessoas empreendedoras, com carreira acadêmica, geralmente têm um plano B mais concreto, diferentemente das que não têm fôlego financeiro”, diz. Paniquart observa, também, que, em grande escala, observa-se nas organizações pessoas comentando sobre o quão estão sobrecarregadas, no limite em relação ao trabalho. Daí a necessidade de buscar uma nova saída.